CORREIO ECONÔMICO

POR MARTHA IMENES

Diesel Economics

Expectativa de que óleo Brent chegue a US$ 185 o barril

Petrobras descarta impacto no abastecimento brasileiro

A Petrobras informou que não há risco de desabastecimento de petróleo no Brasil, mesmo com a escalada do conflito envolvendo Irã, Estados Unidos e Israel. A estatal garantiu que suas operações de importação e exportação seguem normalmente e que não há previsão de interrupção no fluxo de petróleo e derivados, afastando temores de impacto imediato no mercado interno. Em nota, a companhia explicou que possui rotas alternativas fora da área de conflito. Segundo a Petrobras, essa estratégia garante segurança e custos competitivos, preservando as margens da empresa. A estatal acrescentou que a maioria dos fluxos de importação não passa pela região em crise.

20% da produção passa por Ormuz

O alerta aumentou após o Irã anunciar o fechamento do Estreito de Ormuz, por onde circula cerca de 20% do petróleo mundial. A medida foi uma resposta a ataques envolvendo Estados Unidos e Israel e elevou o risco de interrupções no transporte da commodity, pressionando os preços globais. Com a tensão, o barril do Brent chegou a subir 13%, ultrapassando os US$ 82, maior valor desde janeiro de 2025, antes de recuar ao longo do dia.

Reprodução site brazaon

Variação da cotação do dólar com a crise no Oriente Médio

Efeito somente se passar de US$ 100

O secretário do Tesouro Nacional, Rogério Ceron, afirmou que o Brasil pode sentir os efeitos da alta do petróleo caso o barril ultrapasse os US$ 100. Segundo ele, enquanto os preços se mantiverem entre US$ 75 e US$ 85, não há risco relevante de pressão inflacionária. Ele explicou que o atual patamar ainda é suportável para a economia brasileira e lembrou que o país também se beneficia da exportação de petróleo, o que ajuda a compensar parte dos impactos. No entanto, destacou que uma escalada maior nos preços poderia trazer consequências mais fortes para a inflação.

Haddad não vê impacto imediato

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, disse que o conflito no Oriente Médio não deve trazer efeitos imediatos para a economia brasileira. Ele ressaltou que o país vive um bom momento de atração de investimentos, mas alertou que uma escalada maior da guerra poderia mudar esse cenário. Haddad afirmou que o governo acompanha a situação com cautela e está preparado para diferentes cenários.

Estreito de Ormuz

A guerra no Oriente Médio, que restringe a passagem de petroleiros pelo Estreito de Ormuz, já começa a impactar os preços do frete e pode trazer efeitos no fluxo global de óleo e gás. O conflito entre Estados Unidos, Israel e Irã aumenta a incerteza sobre o transporte da commodity e pressiona os custos logísticos.

Frete marítimo

Nos últimos dias, o preço do frete marítimo subiu de forma significativa e deve permanecer em alta nas próximas semanas. Analistas avaliam que ainda é cedo para estimar o impacto direto sobre o preço do petróleo, mas destacam que a tendência é de manutenção em patamar elevado na crise.

Decisões do setor

Apesar da valorização do óleo Brent, especialistas afirmam que decisões estratégicas de investimento no setor não costumam ser tomadas com base em variações de curto prazo. O mercado observa com atenção a duração do conflito e seus efeitos sobre o fluxo de petróleo no Golfo e o impacto na inflação global.

Investimentos

No Brasil, empresas do setor de energia já avisaram que vão manter seus planos de investimento. A Petrobras, por exemplo, confirmou que não há mudanças imediatas em seu cronograma e que decisões de longo prazo dependem da estabilidade dos preços ao longo de meses, e não apenas de semanas de oscilação.

Agronegócio

O conflito, segundo André Aidar, especialista em Direito do Agronegócio, pode afetar o setor no Brasil. Ele pontua que a alta do petróleo encarece o diesel usado nas operações agrícolas e no transporte interno, além de pressionar os fretes marítimos. Isso reduz a competitividade do produtor brasileiro nas exportações.

Insumos

Tensões costumam elevar preços globais e gerar instabilidade nas rotas comerciais, mesmo quando o Irã não é fornecedor do Brasil. "A valorização do dólar favorece exportações no curto prazo, mas encarece insumos importados, o que pode reduzir margens nas próximas safras", explica.

Banco do Brasil/Divulgação

Consumidores podem conferir as condições presencialmente

Mutirão de negociação de dívidas vai até o dia 31

Objetivo é dar descontos, que podem chegar a 90% do valor

Por Martha Imenes

Começou o Mutirão de Negociação e Orientação Financeira dos bancos e instituições financeiras. É a primeira ação do ano organizada pela Federação Brasileira de Bancos (Febraban), com o objetivo de oferecer descontos, parcelamento e taxas de juros reduzidas em dívidas em atraso. Os interessados podem aproveitar as propostas até o dia 31 deste mês. Em alguns casos, os descontos podem chegar a 90% ou mais, especialmente em dívidas antigas ou de difícil recuperação.

Cada instituição participante define sua política de refinanciamento. Em geral, podem ser negociadas dívidas de cartão de crédito, cheque especial, crédito consignado e outras modalidades de crédito contratadas junto a bancos e instituições financeiras, desde que estejam em atraso e não tenham bens dados em garantia ou estejam prescritas.

Os consumidores podem conferir as condições de duas formas: presencialmente, nos Procons participantes em todo o país, ou de forma remota, diretamente com a instituição financeira credora em seus canais oficiais ou pelo portal consumidor.gov.br, desde que tenham conta Prata ou Ouro.

"O mutirão é uma oportunidade para o cidadão negociar suas dívidas diretamente com as instituições financeiras, limpar seu nome e reorganizar seu orçamento, prevenindo o superendividamento", afirma Amaury Oliva, diretor de Cidadania Financeira e Relações com o Consumidor da Febraban.

Desde o início dos mutirões, em 2019, o sistema bancário brasileiro já repactuou mais de 35,6 milhões de contratos de dívidas negativadas de consumidores. Somente em 2025, foram 2,6 milhões de contratos renegociados.

Para negociar melhor

- Organize suas informações: saiba exatamente quanto deve, em qual modalidade (cartão, cheque especial, consignado etc.), há quanto tempo está em atraso e qual é o valor total da dívida com juros.

- Defina sua capacidade de pagamento: calcule quanto pode pagar por mês sem comprometer despesas essenciais. Isso ajuda a propor um valor realista.

- Peça condições especiais: durante o mutirão, os bancos oferecem descontos, parcelamento e juros menores. Pergunte diretamente sobre redução de taxas e possibilidade de quitar parte da dívida à vista.

- Compare propostas: cada instituição define sua política de refinanciamento. Avalie se vale mais a pena parcelar com juros reduzidos ou tentar quitar com desconto.

- Use canais oficiais: negocie pelo portal consumidor.gov.br, pelos canais digitais do banco ou nos Procons participantes. Isso garante segurança contra golpes.